

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

3.684 maridos afastados de casa

Número é de medidas protetivas da Justiça que proíbem acusados de se aproximarem de mulheres após praticarem agressões

Elis Carvalho
Francine Spinassé
Mary Martins

Elas levaram socos, chutes, foram xingadas e ameaçadas, e mesmo após os traumas vividos, tiveram coragem de registrar uma ocorrência contra os agressores. Com as denúncias, nos últimos dois anos, 3.684 maridos estão proibidos de chegar perto das mulheres na Grande Vitória.

Os números divulgados pela polícia mostram que Vila Velha é o município onde mais houve pedidos de medida protetiva. Ao todo, foram 684 pedidos de janeiro a junho de 2013, 41 a menos do que o mesmo período de 2012.

“Antigamente, a violência doméstica era velada. Hoje em dia, as mulheres conhecem mais os direitos delas e sabem que podem fazer o pedido de medida protetiva, caso se sintam ameaçadas. A violência sempre existiu, mas hoje as vítimas são menos submissas”, disse a delegada Maria Aparecida Rasselli

Sfalsini, titular da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam), de Vila Velha.

A delegada completou que o fato do Brasil ser um País de cultura patriarcal faz com que a violência seja maior. “Infelizmente, o machismo é o culpado por grande parte das violências domésticas”.

Em Vitória, o índice de pedidos de medidas protetivas diminuiu. De janeiro a julho, foram 182 pedidos contra 352 no mesmo período do ano passado. Já na Serra foram 505 pedidos, contra 670 em 2012. Em Cariacica foram 418 pedidos, 270 a mais do que o mesmo período de 2012.

Porém, mesmo sabendo que devem obedecer a distância mínima de 200 metros das vítimas, muitos agressores insistem em procurá-las. Alguns deles chegam a desafiar a lei, agredindo ou ameaçando novamente as mulheres. Mas a delegada Arminda Rodrigues, titular da Deam de Vitória, garante que quem desobedece a medida vai parar atrás das grades.

“Muitos homens continuam perturbando as mulheres mesmo com a medida protetiva. Quando isso acontece e a vítima denuncia, nós vamos atrás dos criminosos e os prendemos por desobedecer a lei. Na verdade, acho que esses agressores ainda não conhecem muito bem as leis e acham que não serão pegos”, acredita.

OPINIÕES

JULIA TERAYAMA - 14/12/12

RODRIGO GAVINI - 19/07/12



“Hoje as mulheres conhecem seus direitos e sabem que podem fazer o pedido de medida protetiva”

Delegada Maria Aparecida Sfalsini

“Acho que esses agressores ainda não conhecem muito bem as leis e acham que não serão pegos”

Delegada Arminda Rodrigues

Raio X da violência contra mulher

Vila Velha lidera o número de medidas protetivas

NÚMERO DE MULHERES COM MEDIDA PROTETIVA NA GRANDE VITÓRIA

CIDADE	VÍTIMAS
Vitória	182
Vila Velha	684
Cariacica	418
Serra	505

OCORRÊNCIAS DE AGRESSÕES CONTRA MULHERES NA GRANDE VITÓRIA

CIDADE	VÍTIMAS
Vitória	273
Vila Velha	1.612
Cariacica	684
Serra	859

NÚMERO DE PRISÕES EM FLAGRANTE

CIDADE	PRISÕES
Vitória	106
Vila Velha	254
Cariacica	256
Serra	11

Fonte: Polícia Civil



MESMO APÓS PEDIR medida protetiva, operadora de caixa ainda convive com o medo de sofrer novas agressões

OPERADORA DE CAIXA “Tenho medo de andar na rua e troquei a fechadura”

Após sofrer recorrentes agressões verbais e até físicas no último ano, uma operadora de caixa de 38 anos resolveu dar um basta na situação: ela denunciou o marido na última semana e pediu a medida protetiva contra ele.

A TRIBUNA - Quando começaram as brigas?

OPERADORA DE CAIXA- Há cerca de um ano. Estamos juntos há mais de quatro anos e ele sempre aparentou ser muito tranquilo. No namoro, nunca tinha ouvido ele levantar a voz.

> E o que mudou?

Depois de um tempo de casado, passamos a brigar. Um pouco porque a família dele se intrometia demais. Ele também saiu da igreja que frequentava e passou a sair sem dar satisfação. Dizia que não devia nada para me falar onde ia.

> Já chegou a te agredir?

Sim. Uma vez, ele chegou a torcer o meu braço e apertar o meu pescoço. Dessa vez (no último dia 15), a gente brigou porque ele queria que eu saísse de casa com a minha filha, sem nada. Começou a me empurrar para me colocar para fora e agarrou meus braços para trás. Fiquei com medo, gritei por socorro e chamei a polícia, mas ele fugiu. Confesso que tenho medo de andar na rua e até troquei a fechadura. Pedi a medida protetiva.

> Por que demorou um ano para pedir o afastamento?

A gente sempre tenta perdoar e vai suportando, principalmente pela nossa filha de 2 anos.

> Acha que as mulheres deixam de denunciar por medo?

Sim. Se todas tivessem coragem de denunciar, mais mortes seriam evitadas.

Promotora de eventos leva socos

Uma promotora de eventos de 41 anos foi espancada com socos, arrastada pelos cabelos e empurrada de uma escada do segundo andar da casa onde mora, em Ulisses Guimarães, Vila Velha. O acusado da agressão foi o ex-marido dela, um segurança de 28 anos.

De acordo com a vítima, o crime aconteceu na última terça-feira. Ela contou que teve um relacionamento de cinco anos com o acusado e que ele nunca foi agressivo, mas mudou o comportamento após um mês de casados.

O segurança passou a sumir por vários dias, sem dar notícias e, no último desaparecimento que durou três dias, no início do ano, a promotora descobriu que ele havia tentado vender a casa dela. Foi quando os problemas entre o casal começaram.

“Eu já tinha a casa antes de casar com ele. Fui questioná-lo porque encontrei um papel sobre a tentativa de venda da casa dentro de um bolso na roupa dele. Nos separamos e dividimos o que compramos juntos”.

Depois disso, ela frisou que o segurança invadiu sua casa, fez uma ligação direta no veículo dela e levou embora. O carro foi apreendido, mas o segurança voltou querendo a documentação para liberação. “Falei que não iria entregar, então ele me deu vários socos, me arrastou pelos cabelos e me jogou escada abaixo. Estou toda machucada, ele me agrediu na frente do meu filho de 14 anos”.

A vítima ligou para a polícia, mas o segurança fugiu levando o notebook da promotora de eventos.

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Lei Maria da Penha não reduziu mortes

Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgado ontem revelou que não houve redução nas taxas de mortalidade de mulheres no País com a aplicação da Lei Maria da Penha, criada para proteger mulheres que sofrem agressão.

O estudo comparou períodos antes e depois da vigência da lei. As taxas de mortalidade por 100 mil mulheres foram 5,28 no período 2001-2006 (antes) e 5,22 em 2007-2011 (depois).

Entre os estados brasileiros, o Espírito Santo se destacou negativamente, como o que mais registrou assassinatos de mulheres entre 2009 e 2011: 11,24 a cada 100 mil, muito superior à média brasileira no mesmo período.

Em números absolutos, 604 mulheres morreram entre 2009 e 2011 no Espírito Santo.

Em seguida, outros estados com alta incidência de homicídios de mulheres foram a Bahia (9,08), Alagoas (8,84) e Roraima (8,51).

Em contrapartida, os estados com a incidência mais baixa foram Piauí (2,71), Santa Catarina (3,28), São Paulo (3,74) e Maranhão (4,63). No caso do Piauí e do Mara-

não, o Ipea estima que a baixa incidência seja decorrente da deficiência de registro.

Também foi observado um “sutil decréscimo” da taxa no ano 2007, imediatamente após a vigência da Lei Maria da Penha.

Em relação ao perfil das principais vítimas de homicídios do sexo feminino, o Ipea constatou que elas são mulheres jovens e negras.

Do total, 31% das vítimas têm entre 20 e 29 anos e 61% são negras. No Nordeste, o percentual de mulheres negras mortas chega a 87%; no Norte, a 83%.

De acordo com o Ipea, 40% de todos os homicídios de mulheres no mundo são cometidos por um parceiro íntimo. Em relação ao homem isso não ocorre. Apenas 6% dos assassinatos de homens são cometidos por uma parceira.

No Brasil, de 2001 a 2011, estima-se que ocorreram mais de 50 mil mortes de mulheres, o que equivale a, aproximadamente, cinco mil mortes por ano. Acredita-se que grande parte destes óbitos foram decorrentes de violência doméstica e familiar contra a mulher, uma vez que aproximadamente um terço deles tiveram o domicílio como local de ocorrência.

Mortes de mulheres

A taxa de mortalidade é o número de mortes de mulheres para cada 100 mil pessoas do sexo feminino

TAXAS DE MORTALIDADE

ANTES DA LEI	DEPOIS DA LEI
DE 2001 A 2006	DE 2007 A 2011
5,28	5,22

Em média ocorrem

5.664 mortes

de mulheres por causas violentas a cada ano

472

a cada mês

15,52

a cada dia

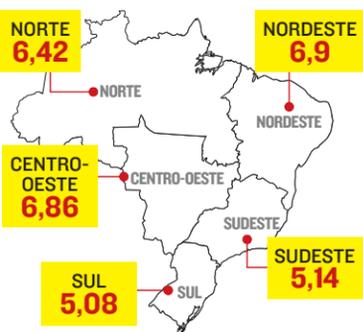
UMA MULHER a cada hora e meia

54% foi de mulheres de 20 a 39 anos

61% das vítimas eram negras

FONTE: INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA)

TAXAS DE MORTES POR REGIÃO



MORTES POR ESTADOS

TAXAS MAIS ALTAS

ESTADO	TAXA
Espírito Santo	11,24
Bahia	9,08
Alagoas	8,84
Roraima	8,51
Pernambuco	7,81

TAXAS MAIS BAIXAS

ESTADO	TAXA
Piauí	2,71
Santa Catarina	3,28
São Paulo	3,74



JUÍZA HERMÍNIA AZOURY afirmou que o botão do pânico encoraja a mulher a retomar sua vida normalmente

Botão do pânico vai ser ampliado

Cansadas de sofrer, seja por agressões físicas ou verbais e até ameaças de morte, mais de 40 mulheres com medidas protetivas estão com o botão do pânico em Vitória. Agora, há a previsão de estender o programa para outros municípios do Estado.

A juíza coordenadora estadual de Prevenção e Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça, Hermínia Azoury, afirmou que o botão do pânico tem dado excelentes resultados e deverá ser ampliado para outros municípios.

A magistrada ressaltou que isso será possível com a parceria que está sendo firmada com o governo do Estado, com a atuação também da Polícia Militar no atendimento às vítimas.

“Em Linhares, por exemplo, também será inaugurado o primeiro Centro Integrado da Mulher fora da Grande Vitória. Lá as vítimas de violência também vão ter o botão do pânico”, enfatizou a juíza.

Azoury afirmou ainda que o botão do pânico inibe o agressor e encoraja a mulher a retomar sua

vida normalmente.

“As mulheres estão recebendo botão do pânico todos os dias. Tem muitos casos que elas ligam para pedir a proteção. Ele só é devolvido quando a mulher tem a certeza de que ela não corre mais risco”.

Ela afirmou que a ideia está sendo passada a outros estados no enfrentamento da violência doméstica.

PROGRAMA

De iniciativa do Tribunal de

Justiça do Estado (TJ-ES) e com parceria da Prefeitura de Vitória, o programa foi lançado em abril deste ano, sendo pioneiro no País. Na época, 10 mulheres ameaçadas de agressão e morte receberam o dispositivo.

Em situação de risco, a vítima aperta o aparelho e, por meio de um GPS, é localizada. A radiopatrulha Maria da Penha, como foi batizada, que estiver mais próxima atende a ocorrência.

FÁBIO NUNES - FÁBIO NUNES



BOTÃO DO PÂNICO: por meio de GPS, vítima pode ser localizada pela polícia quando estiver em situação de risco. Atualmente, mais de 40 mulheres estão com um modelo do dispositivo em Vitória

OUTROS CASOS

JULIA TERAYAMA - 03/06/2013

Ameaça de morte

Em junho, uma faxineira de 40 anos foi ameaçada de morte pelo ex-marido, que também a agrediu fisicamente e verbalmente.

Na época da denúncia, ela disse que iria pedir proteção à Justiça. Ela contou na ocasião que seu ex-marido ameaçou até sequestrar a filha na escola.



Agredida a socos

Em abril, uma estudante de Direito de 21 anos recebeu o primeiro botão do pânico. Junto com ela, outras nove mulheres vítimas de violência doméstica receberam o aparelho durante evento no Tribunal de Justiça do Estado.

Na ocasião, ela relatou que seu drama começou depois que o namoro terminou. No início, eram ameaças psicológicas, seguidas de perseguições nos locais onde ela frequentava, até o ex-agredi-la com dois socos no abdômen.

MARY MARTINS - 18/05/13



Grávida apanha

Grávida de dois meses, uma dona de casa de 27 anos foi espancada com uma barra de ferro utilizada pelo ex-marido porque cobrou pensão do filho, um bebê de 8 meses.

O agressor foi preso em maio deste ano, quando ocorreu o crime, acusado de lesão corporal e ameaça.